

Histórias para Além do Escrito

Workshop

9-11 de junho de 2026

Local: Universidade de São Paulo

Este workshop propõe um espaço de discussão dedicado aos desafios de escrever histórias da África, afro-diaspóricas e indígenas para além dos limites do arquivo escrito. Reunindo historiadores, linguistas e arqueólogos, o encontro busca explorar como evidências linguísticas, arqueológicas e etnográficas podem ampliar as temporalidades da história e contribuir para a reconstrução de passados que não foram plenamente preservados por registros escritos.

Organizador: Marcos Leitão de Almeida (FFLCH/USP)

Pesquisadores convidados:

Kathryn de Luna — Georgetown University

David L. Schoenbrun — Northwestern University

Fernando Orphão de Carvalho — Museu Nacional / UFRJ

Rosa Vieira — MAE/USP

Chamada para participantes

Convidamos graduandos avançados, pós-graduandos e docentes a submeter propostas relacionadas às histórias da África, afro-diaspóricas e indígenas para discutir seus trabalhos com evidências linguísticas (preferencialmente), e/ou arqueológicas e etnográficas.

Prazo para envio de resumos (até 500 palavras): **10/4/2026**

Notificação dos trabalhos selecionados: **17/4/2026**



Envio da versão preliminar do texto (até 10 páginas, fonte Times New Roman, espaço duplo): **17/5/2026**

Submissões devem ser enviados para o email: marcosrrs21@usp.br

As evidências linguísticas e a interdisciplinaridade metodológica não são novidades para o historiador social. Desde a primeira geração dos *Annales*, autores como Marc Bloch argumentaram enfaticamente que historiadores deveriam recorrer à linguística comparativa, enquanto Lucien Febvre elogiou sua capacidade de revelar “um recanto do “passado sem textos” por meio de uma indução talvez limitada, mas forte, sólida e fundamentada em uma experiência incontestável.” (*tradução livre*, Febvre, 1954) A partir da década de 1970, historiadores africanistas levaram essa intuição ainda mais longe, sustentando que era justamente na história da África que “o pleno potencial das evidências linguísticas como fonte histórica” (Ehret 1976, *tradução livre*) poderia ser plenamente realizado. Quando o historiador medievalista Daniel Lord Smail posteriormente ampliou a noção de “documento” para escrever histórias profundas, nos lembrando de que um documento é, etimologicamente, qualquer coisa que ensina (Smail 2008), a história da África já havia desenvolvido um sólido subcampo dedicado à história da África antiga fundamentado em evidências linguísticas e em outros métodos interdisciplinares.

Poucos contestariam que foram os historiadores da África que levaram essa abordagem a um novo patamar, permitindo escrever uma história que “tem uma profundidade e amplitude comparáveis às histórias elaboradas a partir de fontes escritas em arquivos” (Schoenbrun 2018, trad. livre). Nas últimas décadas, porém, o campo passou por mudanças importantes. A abertura de novos arquivos, a expansão da historiografia atlântica e o crescimento dos estudos sobre o período colonial contribuíram para deslocar a atenção de muitos pesquisadores para a documentação produzida por impérios europeus na era moderna. Embora esse movimento tenha gerado contribuições importantes, ele também acabou por reduzir o horizonte temporal de muitas pesquisas sobre a África, processo que alguns historiadores descreveram criticamente como um “encurtamento da história da África” (Reid 2011).

No Brasil, o desenvolvimento da historiografia africana esteve fortemente ligado à expansão do sistema universitário desde 2002 e à sólida tradição de historiadores brasileiros no estudo dos impérios coloniais e das conexões atlânticas. Como resultado, grande parte dessa produção voltou-se naturalmente para o rico corpus documental em língua portuguesa produzido durante o período moderno. Ainda que esse movimento tenha sido extremamente produtivo, ele também contribuiu para limitar a atenção dedicada aos passados africanos anteriores à expansão imperial europeia.

Ao mesmo tempo, a história indígena no Brasil consolidou-se como um campo de pesquisa profundamente interdisciplinar, articulando arqueologia, linguística, arquivos e etnografia para reconstruir passados que não podem ser compreendidos apenas a partir da documentação escrita. Apesar dessas afinidades metodológicas, os campos da história da África e da história indígena raramente dialogaram de maneira sistemática.

Este workshop busca aproximar essas tradições de pesquisa. Reunindo historiadores, linguistas, antropólogos e arqueólogos, o encontro pretende refletir sobre como diferentes tipos de evidência, especialmente a linguística, podem ser mobilizados para reconstruir passados que se desenvolveram para além dos limites do arquivo escrito.

QUESTÕES:

Palavra é documento? Por certo, mas também é monumento. Para reconstruir passados que se situam além dos arquivos escritos, é imprescindível distinguir quais vozes são bem-sucedidas em convencionalizar os significados de determinadas palavras, por vezes desalojando sentidos anteriores, das vozes marginalizadas cujos sentidos permanecem restritos ou opacos, muitas vezes confinados a calões dito populares.

Por isso mesmo, igualmente importantes são as perguntas que os historiadores optam por fazer sobre as próprias evidências linguísticas:

- Como devem ser atribuídos significados às protoformas quando os contextos de seu uso já não são acessíveis, mas os próprios termos continuam valiosos para historiadores menos preocupados com a mudança linguística do que com as práticas sociais que elas podem codificar?
- Como as perspectivas de gênero e de classe podem ser trazidas à tona quando as protoformas não podem ser atribuídas a falantes individuais, mas apenas a comunidades linguísticas reconstruídas por meio de métodos comparativos?
- E como os historiadores devem avaliar o peso probatório das reconstruções linguísticas ao tratá-las como documentos históricos na elaboração de narrativas históricas? Em outras palavras, quão diferente, se é que há diferença, é a imaginação histórica empregada por historiadores-linguistas ao construir seus argumentos históricos?

Com essas questões em mente, este workshop reunirá historiadores, linguistas, antropólogos e arqueólogos para discutir como tais desafios emergem das evidências que utilizam e das narrativas que buscam construir. O objetivo é promover um intercâmbio colaborativo e produtivo entre os participantes.

Convidamos interessados a divulgar breves documentos de trabalho antes do workshop. As sessões se concentrarão na discussão coletiva, em vez de apresentações formais, criando um espaço para o envolvimento contínuo com textos, evidências e métodos.

Não há melhor prova “apesar de si mesma” — o padrão-ouro dos historiadores para avaliar a confiabilidade de suas fontes — do que a linguagem: as pessoas podem usar palavras específicas para mentir em determinados momentos, mas as palavras que utilizam para fazê-lo — emprestadas, modificadas e inventadas nas conversas do dia a dia — não podem mentir sobre o que consideraram importante o suficiente para dissimular.

Joseph C. Miller

Pesquisadores convidados:

- **Kathryn de Luna** é historiadora da África e professora associada do Departamento de História da Georgetown University. Sua pesquisa combina linguística histórica, arqueologia e história ambiental para investigar processos de formação social e econômica na África centro-oriental. É autora de *Collecting Food, Cultivating People: Subsistence and Society in Central Africa* (Yale University Press, 2016).
- **David L. Schoenbrun** é historiador da África e professor emérito na Northwestern University. Seu trabalho explora a história profunda das sociedades da região dos Grandes Lagos africanos por meio da integração de linguística histórica, arqueologia e tradição oral. Entre suas obras destacam-se *A Green Place, A Good Place: Agrarian Change and Social Identity in the Great Lakes Region to the 15th Century* (Heinemann, 1998) e diversos estudos sobre métodos interdisciplinares para a reconstrução do passado africano. É vencedor do Prêmio B. Ogot, conferido pela African Studies Association, pelo livro *The Names of the Python: Belonging in East Africa, 900 to 1930*.
- **Fernando Orphão de Carvalho** é professor do Setor de Linguística do Museu Nacional/UFRJ e fellow do grupo *Words, Bones, Genes, Tools* da Universidade de Tübingen. Doutor em Linguística pela UFRJ, com estágio no Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, atua nas áreas de linguística histórica, linguística descritiva e estudo multidisciplinar do passado das populações humanas, com foco nas línguas indígenas da América do Sul. Desenvolve pesquisas especialmente sobre as famílias Arawak, Karib, Tupi, Tupi-Guarani, Jê e Arawá.
- **Rosa Cavalcanti Ribas Vieira** é professora do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP). Doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ e pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, foi pós-doutoranda visitante na École Normale Supérieure. Desenvolve pesquisas nas áreas de antropologia africana e afro-americana, com ênfase nas seguintes temáticas: migrações, plantas e artefatos. Dirigiu o curta-metragem etnográfico “O pegador de vinho de palma”, premiado no Festival Internacional de Filme Etnográfico do Pará e no Cine-plural festival. Recebeu a mention spéciale do Prix de Thèse da Fondation Martine Aublet e Menção Honrosa no Prêmio Capes de Tese.

Organizador:

- **Marcos Leitão de Almeida** é professor de História da África na Universidade de São Paulo (USP). Doutor em História pela Northwestern University, com pós-doutorados em Harvard, Michigan e Northwestern, pesquisa a história profunda da escravidão na África Central, combinando história, linguística histórica e arqueologia. Publicou em periódicos de referência como *The Journal of African History*, *Azania* e as *Oxford Research Encyclopedias*, recebeu prêmios como o Prêmio Palmares (2012) e o Harold Perkin Prize (2020), e é editor consultivo da *Journal of African History*, Cambridge.

ADOTEY E. *An Institute of Residual Studies? Nkrumah and the "Afroepistemic" Origins of the Institute of African Studies*, University of Ghana. *The Journal of African History* 15 Jan. 2025:1–17. <https://doi.org/10.1017/S0021853724000495>.

AJAYI, J. F. Ade. 2000. "Colonialism: An Episode in Africa History." In *Tradition and Change in Africa: The Essays of J. F. Ade Ajayi*, edited by Toyin Falola, 165–74. Trenton, NJ: Africa World Press.

BLOCH, Marc. *The Historian's Craft*. New York: Vintage, 1964.

COHEN, Paul. Was There an Amerindian Atlantic? Reflections on the Limits of a Historiographical Concept. *History of European Ideas*, v. 34, n. 4, 2008, p. 388–410. <https://doi.org/10.1016/j.histeuroideas.2008.08.002>

DIKE, K. Onwuka. "African history and self-government." *West Africa* 37.28 (1953): 177-178.

EHRET, Christopher. Linguistic Evidence and Its Correlation with Archaeology. *World Archaeology*, v. 8, n. 1, 1976, p. 5–18.

FEBVRE, Lucien. *Combats pour l'histoire*. Paris: Armand Colin, 2008 [1954].

FONSECA CORRÊA, Moisés. *Os Estudos de África na Historiografia Brasileira (2003–2016)*. Rio de Janeiro: Ed. Telha, 2022.

LUNA, Kathryn M. de; FLEISHER, Jeff B.; MCINTOSH, Susan Keech. Thinking Across the African Past: Interdisciplinary and Early History. *The African Archaeological Review*, v. 29, n. 2–3, 2012, p. 75–94.

LUNA, Kathryn M. de. *Collecting Food, Cultivating People: Subsistence and Society in Central Africa*. New Haven: Yale University Press, 2016.

OGUNDIRAN, Akinwumi. Os laços que nos unem: uma história arqueológica do cosmopolitismo africano/yorùbá e suas implicações para a colaboração no Atlântico Sul. *Revista de Arqueologia*, v. 37, n. 2, 2024, p. 102–117. <https://doi.org/10.24885/sab.v37i2.1196>

REID, Richard. Past and Presentism: The 'Precolonial' and the Foreshortening of African History. *The Journal of African History*, v. 52, n. 2, 2011, p. 135–155.

SCHOENBRUN, David L. Early African Pasts: Sources, Interpretations, and Meanings. In: *Oxford Research Encyclopedia of African History*. Oxford: Oxford University Press, 2018. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190277734.013.147>

SCHOENBRUN, David L. *A Green Place, A Good Place: Agrarian Change and Social Identity in the Great Lakes Region to the 15th Century*. Portsmouth: Heinemann, 1998.

SCHOENBRUN, David L.; JOHNSON, Jennifer L. Introduction: Ethnic Formation with Other-Than-Human Beings. *History in Africa*, v. 45, 2018, p. 307–345. <https://doi.org/10.1017/hia.2018.11>

SMAIL, Daniel Lord. *On Deep History and the Brain*. Berkeley: University of California Press, 2008.

STEPHENS, Rhiannon. *A History of African Motherhood: The Case of Uganda, 700–1900*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

STEPHENS, Rhiannon. *Poverty and Wealth in East Africa: A Conceptual History*. Durham: Duke University Press, 2022.

SWEET, James H. Reimagining the Africa-Atlantic Archive: Method, Concept, Epistemology, Ontology. *The Journal of African History*, v. 55, n. 2, 2014, p. 147–159. <https://doi.org/10.1017/S0021853714000061>

VANSINA, Jan. *Paths in the Rainforests: Toward a History of Political Tradition in Equatorial Africa*. Madison: University of Wisconsin Press, 1990.

VANSINA, Jan. The Doom of Early African History. *History in Africa*, v. 24, 1997, p. 337–343. <https://doi.org/10.2307/3172034>

Histórias para Além *do* Escrito

Workshop

9-11 de junho de 2026

Local: Universidade de São Paulo



Fonte das imagens: background produzido com auxílio de inteligência artificial a partir de fotografias do acervo pessoal de Marcos Leitão de Almeida (2015), incluindo: escultura em pedra representando o tráfico de escravizados, pele de leopardo de um mfumu de Mbanza Kongo e vista da própria cidade, no norte de Angola.

Agradecimentos

Este workshop conta com o apoio de:

Universidade de São Paulo

Departamento de História

Pós-Graduação em História Social

Pró-Reitoria em Pesquisa e Inovação

Museu de Arqueologia e Etnologia